

Reconversão torcedora: transgressão ou um caso de extensão simbólica?

Luiz Henrique de Toledo

Professor Titular da Universidade Federal de São Carlos (DCSo/PPGAS)

kikeppgas@gmail.com

Resumo

Este artigo trata das formas de torcer (Toledo, 2002) de um ponto de vista ainda pouco observado. Centrado na esfera da pessoa e não propriamente nas estratégias que definem regimes classificatórios de adesão clubísticas, o argumento incide sobre processos de relativização da socialidade fixada em torno dos coletivos que unem times e militância, definindo o torcedor como parte de um todo. O argumento está acomodado na noção de *reconversão*, isto é, processo tardio em que a pessoa torcedora pode ser retotalizada. Reconversão não é tomada somente como manifestação de crise geracional ou de personalidade, desapego identitário, arrefecimento do interesse pela prática torcedora, mas como processo de extensão do torcer que multiplica as possibilidades da mudança e que pode levar à troca ou experimentações dessa adesão esportiva. Tal processo aparentemente mais raro ou ainda pouco verbalizado contrasta com várias formas de adesão ou abandono da militância clubística, mostrando que o torcer pode ser observado como processo de relativização das convenções inatas ou inertes de justaposição de referentes simbólicos exteriores na fabricação da pessoa torcedora.

Palavras-chave: formas de torcer; torcidas; reconversão; futebol; antropologia das práticas esportivas; antropologia dos esportes.

Abstract

This article is about soccer fans from a point of view not yet observed. Focusing on the sphere of the person and not on the strategies that define club classification regimes, the argument focuses on processes of relativization of sociality fixed around the collectives that unite teams and militancy, defining the fan as part of a whole. The argument is accommodated in the notion of reconversion, that is, late process in which the person can be retotalized. Reconversion is not only taken as a manifestation of crisis of the generational and crisis of the personality, identity detachment, cooling of interest, but as a process of extension that multiplies the possibilities of change and that can lead to the exchange or experimentation of other ways of to be a soccer fan. Reconversion is a seemingly rarer or even less verbalized process contrasts with various forms of membership or abandonment by soccer militancy, showing that adhesion can be observed as a process of relativization of conventions that define the fans identities how static and inborn.

Keywords: fans soccer; supporters; soccer; reconversion; anthropology of sports practices; anthropology of sports.

Não sou mais “X”

Num jogo do campeonato brasileiro de 2017¹ presenciei nos arredores do estádio do Morumbi, cidade de São Paulo, próximo ao portão 05, um inquietante diálogo entre dois torcedores. Um reclamava ao outro o fato de um amigo ativista das lidas clubísticas ter sumido dos estádios. O sujeito em questão já não era mais visto nos jogos e os queixosos interlocutores pareciam acomodar a história na retranca da lamentação, afinal, tal ausência ocorria justamente naquela situação em que o time mais precisava de cada torcedor para sair daquela incômoda situação em que se encontrava na tabela de classificação. Tentando ajeitar o assunto num suspense que prendia cada vez mais a atenção do antropólogo intruso, aquela retórica inicial entre eles apenas servia de estratégia para revelar o que ao menos um deles já sabia, ou seja, as razões do sumiço do aludido torcedor.

Desfizeram o mistério quando aquele que estava mais próximo a mim disse que havia encontrado o referido amigo comum fortuitamente e ficara sabendo da sua própria boca a derradeira verdade: ele havia mudado de time. Sim, um sujeito já adulto e aparentemente mais infenso às veleidades esportivas de menino, trocara o “nosso” time X pelo Y. Pondo-me como protagonista secreto e obviamente não convidado da conversa, fiz parte do consenso

1 São Paulo FC versus Atlético Paranaense, segundo turno, São Paulo, estádio Cícero Pompeu de Toledo, Morumbi, dia 14 de outubro de 2017.

tácito firmado naquele instante de que o caso parecia, no mínimo, muito incomum.

Hã, como assim? Pensei comigo. Meu corpo intuitivamente respondeu àquela provocação e sensorialmente me fez aproximar ainda mais dos torcedores em diálogo. Parecia que a confissão daquela defecção atribulava o momento, aumentando meu interesse pelo assunto que prometia mais especulação. Ficaram ali, ambos, e eu secretamente atônito, tentando encontrar alguma “explicação” para aquilo que tomávamos como algo pouco plausível. A conversa rapidamente se desfez no burburinho e agitação dos torcedores, no pregão dos vendedores de souvenirs e na presença inquieta e ostensiva do aparato policial, fatores que somados à proximidade do jogo, fizeram com que os interlocutores saíssem do campo de visão, cessando aquele casual encontro etnográfico.

Logo em seguida e já sozinho dentro do estádio tentei definir o que ouvira, ocorrendo que escutara uma provocação mal interpretada e que tentando impor seriedade a qualquer fala em situação de campo, ali mesmo já me afastara da situação de torcedor, restringia o livre curso de uma conversa que talvez não passasse de uma boa troça ou “conversa jogada fora” preliminar entre torcedores que simplesmente aguardavam a hora do jogo. Depois pensei que a pressa em dar algum sentido àquilo que ouvira já era sintoma de uma estranheza que colocava um problema que independia da veracidade ou não do fato, pelo simples motivo de ter deslocado a percepção da suposta invariância que preside a socialidade na relação entre times e torcedores.

Ruminei aquilo que presenciara por um tempo e tentei estabelecer alguma interrogação produtiva sobre que tipo de cálculo pessoal ou motivação simbólica estaria amparando aquela mudança de time. Tratava-se, como passo a definir a partir de agora, de um caso de *reconversão* clubística, desde que possa extrair do termo originário, a noção de *conversão*, alguma perspectiva metaforizante como marco da primeira escolha ou passagem da condição de *não torcedor* a *torcedor*.

Mecanismos de captura de domínios contíguos por meio das figuras de linguagem é todo o esforço realizado pela lógica ou pensamento simbólico (Lévi-Strauss 1989; Wagner 2010). Não parece muito abusivo recorrer a alguns desses termos comumente emprestados ou mais estabelecidos em outros domínios, tais como *conversão*, para expressar motivações torcedoras na medida em que é a própria sociabilidade esportiva ritualizada que largamente os utiliza, mas sobretudo, ao menos desde análises seminais de autores como Marcel Mauss (2003), a Antropologia mantém estreita atenção ao plano conceitual expresso nas linguagens nativas como forma de conhecimento etnográfico e apreensão de modos ou mundos possíveis.

Roy Wagner desloca ou generaliza os usos das figuras de linguagem não somente

como veículos recursivos da linguagem convencional que apreende ou objetiva o mundo como evento num simbolismo referencial, mas também como constructos figurativos (de noções que produzem continuamente significados) que objetivam a si mesmos como realidade dada, tomando o mundo não somente como fato (empírico e sociológico) referenciado, mas como hipótese². Sendo assim,

(...) todas as simbolizações dotadas de significado mobilizam a força inovadora e expressiva dos tropos ou metáforas, já que mesmo símbolos convencionais (referenciais), os quais não costumamos pensar como metáforas, têm o efeito de 'inovar sobre' (isto é, 'ser reflexivamente motivados em contraste com') as extensões de suas significações para outras áreas (Wagner 2010:17)³.

Empiricamente, a *conversão* de não torcedor a torcedor pode se dar de muitas maneiras desde a mais tenra idade⁴, mas que dependerá sempre e em última instância de orientações, chancela ou motivações que precipitam a partir da pessoa neófito, cujos indicativos se expressam sobretudo na verbalização que leva à extensão da condição torcedora se aprofundar (ou não) em experiências relacionais expandidas, quer dizer, não basta somente alguém ou alguma situação “de fora” (o parentesco como máquina nominadora de times) definir um time para outrem, pois o que estabelece a completude do processo de *conversão* ocorre também como processo comumente percebido como subjetivação ou adesão afetiva, tal como bem adverte Damo:

2 O mundo como hipótese seria aquele que “nunca se submete às exigências rigorosas da “prova” ou legitimação final, um mundo não científico” (Wagner 2010:171).

3 Classificações simbólicas (codificações referenciais que medeiam a percepção e o mundo) são para autores como Roy Wagner menos o fundamento de processos ou lógicas de simbolização humana uma vez que ações, motivações e as experiências sensoriais continuamente participam desse constructo. Precisando a noção de *sentido* como efeito dos signos ou subordinado a esses dirá que o processo simbólico não se efetua somente alcançando o sentido das coisas pela nomeação desses sentidos, mas perceber que a produção de sentido em si mesma é expressão simbólica (Wagner 2017, IX) continuamente renovada. O *sentido* seria organizador e constitutivo ou eliciador da modelagem das convenções culturais, que o autor chama de *invenção* e não simplesmente o efeito ou objeto das convenções culturais. Para uma análise sobre o estudo dos nomes em Wagner ver Dulley (2015).

4 Ao ler uma versão desse artigo, um orientando de doutorado, Gabriel Bertollo, a quem já agradeço a atenta leitura, lembrou de uma história pessoal, assim narrada: *Quando era criança, entre 9 e 10 anos de idade, meu irmão com 7-8, nos mudamos de Ribeirão Preto para Manaus, como palmeirenses (orgulhosos!). Passados uns 3 meses, meu irmão, um pirralho mirrado com a cabeça raspada à lá Ronaldo, toma uma decisão que choca a família: se torna vascaíno. Na época, eu era, justificadamente, o mais revoltado com a decisão: me sentia traído, pois nosso time, além de ser nosso, não devia nada a ninguém. Ao contrário, eram alguns dos melhores anos do Verdão. Seja como for, revidava fisicamente o desgosto que ele me deu: cascudos durante as comemorações dos gols de Edmundo – a quem atribuí, em parte, a mudança repentina – eram frequentes. Outra parte de mim suspeitava que a mudança tinha fundo na influência carioca na cidade. Todo mundo torcia para times do Rio, embora a maioria da família, torcia para o Flamengo. Só me lembro de vê-lo torcendo novamente pelo Palmeiras em São Paulo, durante a Libertadores de 1999. Raramente falamos desse assunto, mesmo hoje em dia.*

É possível considerar um sujeito plenamente socializado para o futebol de espetáculo quando ele tiver experimentado as oscilações decorrentes do fato de pertencer a um clube de futebol. Seria dizer o mesmo afirmando-se que um torcedor sentirá a pleno o que significa torcer quando experimenta trocar de clube e perceber que isso é demasiadamente custoso ou, ainda, tentando gostar do outro, sentir-se tocado pelo antigo clube do coração. A fidelidade é estruturante no clubismo e seu amálgama é afetivo – por isso tão consistente e difícil de ser verbalizado pelos torcedores (Damo 2015:74).

Mas a adesão também pode se dar em níveis, digamos, profundos da experiência que, não deixando de ser motivacionais e de ordem afetiva, portanto da esfera da subjetividade, não deixam de estar compromissados objetivamente com outros modos sensoriais ordenadores e que enriquecem as práticas, ações e a linguagem. A questão aqui passa a ser então o quanto e como o sujeito pode ou não relativizar e improvisar o modo simbólico que o acolhe, quer dizer até onde pode atualizar a preferência clubística numa estrutura classificatória por times que se crê estável. É nesse sentido que as extensões metafóricas e analógicas funcionariam de uma perspectiva wagneriana, quer dizer, não somente ou exatamente como rebatimento ou rotinização na linguagem de “estruturas” como que trasladando os mesmos regimes convencionais de um lado para outro (por exemplo, da infância para a juventude, ou da fala de senso comum para o discurso letrado científico que assume tais sistemas como estruturas estáveis), mas como efeitos de contextos e mundos inacabados⁵.

Já a subjetivação em termos correntes (nativos) dentro do domínio esportivo é acomodada na multicolorida expressão “ter um time do coração”, e uma vez supostamente completada a *conversão*, esta expressão metafórica deixa de explicitar ou objetivar o tempo todo os contextos analógicos na qual o indivíduo foi e é levado a torcer para X ou Y, ou seja, ter que dizer necessariamente que torce por causa das influências deste ou daquele familiar ou pessoa próxima, desse ou daquele evento significativo. Como uma espécie de nome, e ninguém precisa o tempo todo explicar a origem de seu nome, o time passa cada vez mais a pertencer à esfera da posse do indivíduo como “meu time”, modulando relações travadas de maneira criativa na socialidade. Na descrição do torcedor que trocara X por Y percebemos uma tensão da parte do torcedor que mudara de time ainda ter que dar explicações ao ex-companheiros de time X, num processo que os indícios da sintomatologia

5 “O uso de um constructo figurativo para facilitar a formação de outros constructos figurativos, a despeito de quão raros ou esporadicamente sejam, equivale à convencionalização linguística de algo que anteriormente era um controle não convencionalizado. O que consistia previamente em uma parte do conteúdo da fala foi introduzido no leque de formas relativamente convencionalizadas que se distribuem em uma escala entre os constructos expressivos e as ordens sistêmicas da sintaxe e gramática” (Wagner 2010: 173).

da mudança ainda estavam presentes.

Dizer ainda que se tem um “time do coração” é comumente entendido como processo de *conversão* às formas expressivas que definem o *torcer* num mar de metáforas convencionais que o acolhe, tais como devoção, arrebatamento, entrega, pertencimento, vontade etc., constituindo um microcosmo de referências conhecidas (cruzeirenses, palmeirenses, são paulinos, atleticanos, corinthianos etc.) que codifica e compromete todos aqueles nomeados como torcedores.

Embora haja uma máxima sociológica em tomar os times como sendo um microcosmo de referentes fixos do simbolismo torcedor, uma vez que torcedores nascem, vivem e morrem geralmente em torno de um estoque limitado de times mais ou menos permanente⁶, talvez seja rentável pensar também que se possa estabelecer entre time e torcedor relações analógicas, ou seja, em que se relativiza o princípio da homologia que trata o mundo do futebol como um microcosmo simbólico mais autocontido aproximado das expressões totêmicas.

Talvez haja alguma vantagem nessa rotação de perspectiva sobretudo quando se depara com narrativas surpreendentes na medida em que potencialmente podem revelar outras formas de adesão e nomeação para além de uma identidade simbólica “embrionária” entre time e torcedor. Analogias permitem olhar para as formas de identidade para além do microcosmo aludido e suas homologias internas que constituem um mundo autoevidente de fenômenos. Podem ser tomadas como a outra metade do processo simbólico em que identidade e diferença se constituem mutuamente. Exagerando, poderia dizer que o universo do futebol de espetáculo, pensado a partir do problema da relação entre times e seus torcedores militantes, se constitui por homologias na base de seu simbolismo mas que não cessa esse movimento, uma vez que pode se expandir e se diferenciar por contínuas, sucessivas e experimentais relações analógicas.

Quando se está entre torcedores, digamos entre os mais militantes, a noção de *torcer* e suas metáforas correlatas não são tomadas como “meras” figura de linguagem que visam controlar o contexto futebolístico expresso como fato, evento ou realidade. *Torcer* já seria o contexto na medida em que se exige do torcedor presença e pertencimento (Damo 2002), ainda que os usos e extensões do *torcer* sirvam aos variadíssimos propósitos retóricos da fala convencional e possam ser verificados o tempo todo na medida em

6 A esse respeito a descrição que Mario Filho em *Histórias do Flamengo* (1944) faz sobre como se daria a adesão torcedora a um clube/time é encantadora. Segue um fragmento: “É mais difícil deixar de amar a um clube do que a uma mulher. Qualquer um de nós conhece, de ouvir falar nem se fala, mas de conhecer mesmo, mais bígamos ou polígamos do que torcedores que mudaram de clube. Ou que o traíram, mesmo em pensamento” (Filho, [1944] 1987:50).

que alcançam uma infinidade de situações corriqueiras em que substitui termos como ansiedade, espera, angústia, expectativa, emoção e passa a expressar ou orientar os mais diversos contextos. Afinal, se diz comumente no Brasil que se “torce” para que alguma coisa dê certo ou errado, se torce na política para que esse ou aquele candidato vença ou perca as eleições ou se torce para que a inflação não volte a assolar a economia.

A linguagem torcedora, por ser menos detida por convenções linguísticas que aparecem como formas de controle mais estritos em outros domínios dentro e fora do campo esportivo visa por meio dos usos e extensões da fala obviar e ao mesmo tempo explicitar contextos em sua permanente dialética de transformação. É nesse sentido que a experiência do *torcer* não deixa de produzir continuamente sua força inovadora metafórica e analógica, usualmente estendida a outros domínios como linguagem de controle de contextos já convencionalizados mas, sobretudo, como mecanismo que tenta controlar seus próprios contextos, ou seja, o *torcer* como “diferenciação consciente”, tal como parece evocado no caso etnográfico que abriu esse artigo.

É nesse sentido também que se pode afirmar contraintuitivamente que torcedores inventam seus próprios clubes e times à medida que inventam seus modos de torcer. Quando se pergunta que tipo de torcedor Y é fulano (se militante, moderado ou intermitente) fixando o time como um ponto referente parece plausível especular também que tipo de time Y pode ser depreendido a partir da conduta torcedora⁷. Seria como dizer que se vive a condição de torcedor por relações homólogas que levam a uma identidade, mas também

7 Damo (2007:65) irá fazer uma distinção importante entre *clube* e *time* para efeitos de definição do estatuto do pertencimento (ou do torcer). O time, que revela o plantel de jogadores que muda continuamente, acaba imprimindo uma relação instável entre time e clube e entre time e torcedores, pois o time está sempre dependente das performances, produzindo expectativas entre resultados esperados e, de fato, obtidos. Já o clube, que traz as marcas diacríticas da identidade, da estabilidade de uma instituição, mantém com os torcedores, segundo o autor, relações mais estáveis ou menos sujeitas às intempéries que acometem a dinâmica competitiva na qual o time está enredado, daí a expressão pertencimento clubístico (Damo 2002) e não “timístico”. Não obstante é importante ressaltar que a noção de *clube* carrega historicamente os sentidos da estratificação ainda existente entre sócios e torcedores, onde os primeiros estariam mais próximos das dinâmicas decisórias da política clubística e, portanto, nomeando um tipo específico de pertencimento, restando aos torcedores, sobretudo os mais populares, a distância das arquibancadas. Mas quando instados a revelar preferências pessoais, a fala torcedora pouco dissocia esses termos, oscilando ao afirmar ter um *time* ou um *clube*. Suspeito que o mecanismo simbólico amparado numa espécie de ação à distância no tocante à participação da vida clubística sugere tal labilidade, tomando esse viés explicativo que situa a distinção entre *clube* e *time* pelo grau de participação ou comprometimento efetivos que sócios e ou torcedores estabeleceram com os clubes e times ao longo do tempo. Hoje a figura ambígua do sócio-torcedor tenta num plano de marketing aproximar essas figurações. Entretanto, “torcer para” tende a misturar ou reverter mais livremente tais termos, produzindo contínuas aproximações entre eles, por isso tomo livremente *time* e *clube* como metáforas e, portanto, reversíveis tanto do ponto de vista conceitual, quer dizer tanto como uma invenção conceitual quanto uma invenção popular da ordem da fala torcedora que os situam em contextos analógicos de pertença.

por relações analógicas que criam e inventam as condições pelas quais se mantêm as homologias.

Como é amplamente sabido, o rendimento conceitual em torno do fenômeno da linguagem na Antropologia foi determinante para estabelecer certas revoluções teóricas e o estruturalismo levi-straussiano foi marco decisivo dessa virada epistemológica. De maneira bem menos ambiciosa, mas não menos instigante, análises em outras paisagens abraçadas pela disciplina ampliaram alguns desses desdobramentos, é o caso da literatura sobre as relações entre times e seus torcedores. Relações ou tentativas que foram sugeridas ou aproximadas conceitualmente às classificações metafóricas totêmicas, primeiro de modo tímido (Toledo 1996), depois de maneiras mais explícitas (Machado 2000; Damo 2007, 2014, 2015), em que o *torcer* é estabelecido como domínio de regras impessoais que estabilizam escolhas culturais relacionais, no limite, revelando tramas ou formas de organização social e identidades.

Nota-se, portanto, a importância em abordar o *torcer* a partir das figuras convencionais de linguagem como sínteses de experiências e contextos acolhidos em muitas metáforas de senso comum e como expressões conceitualizadas de um totemismo cuja operação simbólica parte de noções seguras da linguagem (tautológicas), sejam metafóricas, sejam aludindo às relações tendencialmente metonimizadas que definiriam o *torcer* como uma espécie de “devoção laica”. Assim, “ter um time do coração” comumente é revelado como sendo resultado da derivação expressa em formas sociológicas mais totalizadoras, digamos, condição de alguma verdadeira “natureza social”, uma vez que o indivíduo ou é incorporado a uma espécie de sistema clânico de diferenças autorreferenciadas que levam às identidades clubísticas, ou incorporado às relações de sobrenatureza de fundamento metonímico, devocionais e ritualizadas, que estabelecem as relações entre times e torcedores.

Essas conceituações podem levantar algumas dúvidas razoáveis sobre as dinâmicas que incidem sobre os controles dos modos de simbolização a respeito do que levaria alguém a escolher ou desistir de um time. Nesse sentido, restaria a pergunta do porquê não tomar a *conversão* e, no limite, o *torcer* a partir de controles simbólicos que os próprios torcedores continuamente atualizam ou estendem em suas ações. A suspeita de que o modo de simbolização que ampara os usos de figuras de linguagem como conceitos possa estar em permanente disputa dialética com a fala pode levar igualmente a suspeita de que o *torcer* possa tensionar movimentos conscientes de experimentações metafóricas mais diferenciadas ou exagerando, mais dialéticas.

É muito comum ouvir, por exemplo, que o Corinthians não é um time que tem

uma torcida, mas uma torcida que tem um time, invertendo a precedência hierárquica nas formas de adesão. Interessante atentar nessa frase para o caráter perspectivizado de uma relação metonímica reversível entre parte e todo, promovendo uma tensão na hierarquia entre time e torcida. É nesse sentido que o mundo aparece como inacabado ou indistinto se pensar ainda a relação em termos de figura e fundo. É nesse sentido também que conceitos podem ser tomados por metáforas de um mesmo processo simbólico.

Em contraste a essas experiências torcedoras mais dissolvidas há um contínuo esforço de invenção de um território existencial socialmente inato e ou “misterioso” que motivaria as especulações ou contrainvenções tanto da parte das ciências do comportamento quanto dos representantes estatais que controlam ou inventam o comportamento torcedor, tomado em vários sentidos, do mero divertimento não muito sério à excessiva seriedade como objeto de análise ou ainda comportamento potencialmente transgressor. Em nome de um modo simbólico pouco problematizado, quer dizer, plasmado numa ordem epistêmica ou evidenciado numa prática política de gestão de ordem social, o *torcer* é mobilizado como portador de naturezas ou condições inatas e incontestes, sejam reveladas nos saberes sociológicos, antropológicos pela sua natureza social, seja irrompendo como tendo por natureza forças subjetivas incontroláveis (emoções irrefreadas) que recebem os cuidados e a domesticação tanto de outros tipos de saberes (do senso comum jornalístico às visadas interpretativas psicologizantes) quanto das forças repressivas de Estado que precisam controlar tais comportamentos.

Insistindo nessa direção indagaria se essa *reconversão* do torcedor que trocou X por Y não seria um caso singular, tomado aqui como mais uma metáfora, e sendo, como situá-lo dentro das *conversões* que motivam tais escolhas, preferências e adesões torcedoras que animam o clubismo? Em que condições específicas o sistema totêmico esportivo, do qual o torcedor é parte intrínseca, permitiu eclodir a novidade da mudança de time relatada acima?

Processos aparentemente semelhantes de mudança parecem verificáveis em muitos domínios cujos contextos contíguos de experiências expõem os indivíduos às dinâmicas relacionais comprometidas ou subsumidas aos valores de classes ou frações de classe, circunscrevendo e redefinindo ações no interior das determinações sociológicas de gosto e de juízos assertivos, tais como descritos por Bourdieu (2007). No entanto, este caso de mudança de X para Y parece mais próximo das dinâmicas ou tipos de *conversão* e *reconversão* que podem ser encontradas, por exemplo, em contextos em que certas convenções são deliberadamente relativizadas na ação e experimentação dos próprios sujeitos (o que já chamei de “diferenciação consciente”), tais como suspeito ocorrer, por

exemplo, com escolhas religiosas ou mesmo ideológicas⁸.

E pensando no caso etnográfico em tela acrescentaria outra pergunta: como alguém forjado na sociabilidade esportiva cuja experiência indicava ou apontava para uma adesão estável de um torcedor militante poderia ficar sujeito à outra escolha clubística na maturidade?

Adianto que o espanto seguido da curiosidade intelectual despertada pela narrativa acima, surpreendendo o antropólogo acostumado a estudar comportamentos coletivos estáveis de torcedores, já são sintomas de operações simbólicas orientadas por contextos de ações que se impõem dialeticamente a partir daquilo que autores como Roy Wagner definirá como sendo a relação entre *convenção* e *invenção*. A relativização torcedora processada por aquela mudança de time e considerada um tanto incomum ou “não natural”, misteriosa ou ainda somente “metodológica” (supondo que), fazendo mover todo um campo de pressupostos morais e conceituais diante daquela criativa e inusitada decisão em trocar o time X por Y, precipitou no antropólogo uma motivação ou reação convencional própria da invenção da sua cultura esportiva (cultura como modo de vida e cultura científica na qual está enredado, tomando o comportamento torcedor como “objeto”).

É preciso esclarecer que convenções culturais para Roy Wagner definem em cada cultura o modo como se precipitam e manipulam as relações entre o que é considerado inato (“natural” em vários sentidos marcados) e adquirido (artificial, portanto sujeito à manipulação humana). Ditam também o modo como cada sujeito pode ser motivado em relação às suas ações, tomadas como invenções ou ilusões orientadas por essas convenções que acolhem dialeticamente dois modos de ação recíproca, portanto de simbolização possíveis, definidas por ele como coletivizante e diferenciante. Retornarei a essa discussão bem mais adiante.

E motivado pela necessidade de analisar aquela relativização ou experimentação criativa da parte daquele torcedor, vista de fora como transgressão, percebi que o problema passaria a ser, então, equacionar tanto o domínio das relações contrainventadas entre ele e seus ex-companheiros das lidas esportivas, torcedores de X, quanto a relação que o próprio antropólogo estabeleceu com os pressupostos epistemológicos de sua disciplina.

8 Por exemplo, alguns analistas do campo religioso trabalharam com a noção de trânsito religioso para descrever os fluxos multidirecionais da devoção no contexto brasileiro, mostrando como fiéis migram e se deslocam dentro de um quadro muito dinâmico e fragmentado de experiências religiosas, apontando para padrões referentes a esses deslocamentos, que motivam e expandem tais fluxos de conversão e religiosa (por exemplo consultar Almeida & Montero 2001). Para o caso das representações políticas e ideológicas não conheço análises que abordem do ponto de vista etnográfico os fluxos e a dinâmica da troca de partidos, conversões e reconversões ideológicas no sistema partidário brasileiro.

Exposto o caso etnográfico e armado um problema abstrato mais geral passo a qualificar melhor a noção de *reconversão* e a tipificar o caso singular que chamo aqui de extensão simbólica.

Modalidades de reconversão torcedora

Casos de arrefecimento ou acomodação de “paixões clubísticas” ou distanciamento em relação ao “time do coração” durante a vida são mais comuns que *reconversões*, isto é, que mudanças de time, embora hoje uma simples pesquisa na internet possa oferecer inúmeros relatos sobre trocas clubísticas. E mesmo se ainda expandirmos o uso do termo *reconversão* para os casos onde se verifica tão somente o arrefecimento da “paixão”, mesmo assim ele se daria num sentido unidirecional do eixo “torcedor para não torcedor” ou “torcedor para pouco torcedor”. Processo de desencantamento ou arrefecimento desse interesse parece ainda acompanhar um determinado padrão geracional em que o indivíduo, ao forjar sua militância torcedora na infância e juventude, vai perdendo com a chegada da maturidade os laços que o uniam a uma socialidade esportiva, arrefecendo a atenção dispensada pela experiência coletiva de *torcer*, muitas vezes se afastando da dinâmica que não mais reconhece como sendo “sua” ou do “seu tempo”, transformando tal experiência numa reificação seletiva, quer dizer, numa memória dessa experiência amparada geralmente na retórica da perda. Daí o tom pessimista que embasa os argumentos de que, ao contrário de “seu” tempo, hoje faltariam bons jogadores, que a corrupção, o dinheiro e a violência aumentaram exponencialmente no esporte, levando seu afastamento dos estádios e uma perda paulatina de interesse, expresso num ato de torcer mais fugidio e metafórico, como se o torcer perdesse a força da relação metonímica com o time e seu coletivo torcedor.

É comum torcedores afirmarem o primado da escolha ou *conversão* a partir de cálculos individuais, circunscrevendo o *torcer* como sendo algo que nasceu da *personalidade*, (portanto uma *autoconversão*), relativizando as denominadas “influências externas”, reconhecidamente mais “sociológicas” porque estimuladas no interior dos círculos familiares, na sociabilidade de vizinhança e nos grupos de amizade. Mas há também aquelas escolhas individuais ou *conversões* tardias que dependem de inúmeros fatores que levam torcedores a visibilizar ou invisibilizar determinados times e promover suas escolhas levando em consideração aspectos conjunturais. Tais caminhos são tomados pelos torcedores militantes, por aqueles que abraçaram seus times mais precocemente e inconscientemente, com desdém e não raramente tipificados como escolhas “da moda”, adesões “não sérias”, inclusive generificando tais instabilidades como sendo escolhas “de

mulher”.

Portanto, processos de escolhas e *reconversões* tocantes ao *torcer* podem se dar num amplo espaço da socialidade em que geralmente se modulam os sentidos das escolhas individuais e das escolhas ditadas por determinações sociológicas: das mais corriqueiras determinadas pelas “influências” de círculos próximos ao indivíduo às formas mais recentes em que o *torcer* e a identidade clubística original são redimensionados e muitas vezes relativizados quando se passa a *torcer*, por exemplo, para times estrangeiros. Voltarei a essa adesão aos times estrangeiros logo mais.

A misoginia no esporte em geral, no futebol em específico, também pode endereçar categorias de acusação relacionadas à falta de maturidade no *torcer* para segmentos ou coletivos expressivos que historicamente enfrentaram muitas vezes a narrativa masculina hegemônica cultivada nas arquibancadas. É o caso do campo feminino e especificamente o modo como pontos de vista aí gerados sobre o jogo e seus times são reiteradamente relativizados. A cantilena acusatória de que mulheres pouco entendem de futebol e que por isso tendem a trocar de times segundo veleidades pessoais é um exemplo. Externas compulsoriamente do campo do *torcer* mais militante, passariam a acompanhar o futebol segundo interesses que secundarizam o time, ou seja, se interessando por este ou aquele determinado jogador de maior expressão, preferência ditada por razões estéticas consideradas alheias às qualidades técnicas, índice tomado por mais competente e “neutro” na aferição das competências e desempenhos dos atletas⁹.

Tal caráter passageiro ou conjuntural que marca esse *torcer* também fugiria da noção corrente de que uma identidade clubística estaria na esfera do inalienável. As insistências dos adultos em rapidamente socializar sobretudo os filhos em suas comunidades esportivas desde muito cedo é tanto um sintoma de misoginia quanto reserva e contraposição às formas de relativização que podem aparecer em outras fases da vida e promover conversões ou ainda *reconversões* “indesejadas”.

Exemplos de detração de gênero ainda se manifestam reiteradamente no imaginário masculinizado e eivado de preconceito pelas arquibancadas, ainda que cada vez mais apareçam contrapontos e vozes insurgentes importantes como torcidas e comportamentos *queer*, embora um modelo canônico heteronormativo em torno da noção

9 O campo feminino é um dos mais férteis espaços de experimentações para se pensar o clubismo (o *torcer*), mas que por muito tempo ficou à margem das investigações socioantropológicas. Hoje uma Ciência Social mais “feminista” se estabelece, mas ao que tudo indica o problema da busca por uma identidade estabilizada se mantém como norte epistemológico das investigações. Para uma análise das relações mais dissonantes encontradas nos esportes podemos citar o projeto de pós-doutorado de Wagner Xavier de Camargo, *Práticas esportivas dissonantes nas antinomias entre jogo e anti-jogo* (processo Fapesp 2013/00047-7).

de *torcer* ainda se mantenha preservado e amparado em grande medida pelas convenções que formam o arcabouço da sensibilidade da adesão identitária futebolística.

Torcedores com bi, ou até mesmo tri filiação¹⁰ podem ser facilmente encontrados, o que poderia sugerir um tipo mais dinâmico de *reconversão*, por exemplo em cenários em que é comum torcer para o time local de menor expressão midiática (o time da cidade ou da região) e para outro(s) mais nacionalizado(s). Há também, e para voltarmos às adesões já citadas, as formas cada vez mais presentes que recrutam torcedores em torno dos clubes estrangeiros de expressão mundializada, curiosamente fomentadas em torno de jogadores de maior excelência, colocando inclusive problemas ao preconceito generalizado de gênero que nesse caso relativiza os cálculos da escolha via jogadores, algo muito próximo ao que ocorre no domínio feminino, mas nesse caso acusado de falta de conhecimento ou maturidade.

Personalizar o *torcer* no sentido de colocá-lo à mercê de dinâmicas mais voláteis dos gostos e cálculos pessoais conjunturais seria um desvio ou concessão inadmissíveis, uma vez que a retórica torcedora hegemônica permite menos tais modulações do *torcer*. Mas a escolha não problematizada que entra no cálculo do *torcer* por um time estrangeiro leva em conta a presença de jogadores excepcionais abrigados nos elencos desses times planetários, oriunda dos apelos midiáticos, e menos as tradições coletivas históricas desses clubes afastados desses novos torcedores *reconvertidos* mundo afora.

Curiosamente, nesse caso, vale torcer em razão da presença deste ou daquele jogador extrassérie e o modo como a imprensa esportiva e seus especialistas estimulam esse torcer, obviamente amparado nos interesses econômicos dos aglomerados midiáticos, faz seus espectadores migrarem de times em suas transmissões à medida que jogadores brasileiros como Neymar vão mudando ou especulando transferências entre times europeus. Embora as razões possam se dar para esse caso em termos técnicos e não motivados por outros aspectos essencializados e considerados da esfera da feminilidade como charme, beleza, *sex appeal*, não deixa de ser curioso que aquilo que é criticável em relação às escolhas no campo feminino, a pessoalização ou presença esporádica deste ou daquele jogador no time como cálculo do *torcer*, acaba sendo importante ou levado em alta conta em termos de escolhas e preferências quando o *torcer* se volta para os times internacionais. De todo modo, aqui observa-se menos uma *reconversão* do que um processo cumulativo de paixões clubísticas diferenciadas, uma vez que é raro observar a *reconversão* completa do “time do coração” por um outro estrangeiro. O que se nota é

10 A respeito dessa dinâmica das filiações clubísticas multilocalizadas consultar, por exemplo, Campos e Toledo (2013).

uma versão da bifiliação ou multifiliação, no caso torce-se para um time nacional e para outro(s) estrangeiro(s).

Outros casos são os denominados torcedores que se organizam em instituições. Torcedores “comuns”, e de modo geral a mídia, historicamente acusam torcedores organizados de incentivarem ou promoverem a diferença de potencial que dão os contornos a essas formas de engajamento coletivo. Diz-se que eles torcem mais para as próprias torcidas, prezando mais a sociabilidade fora ou no entorno do time do que para os clubes que as motivaram. Embora evidentemente discutível, não é desprezível tal interpretação na medida em que a história dessas organizações carrega essa marca peculiar pela autonomia do *torcer*. Em tempo, mais contemporaneamente procurei redefinir as TO's nos seguintes termos:

Torcidas organizadas constituem fenômeno que nasceu no interior dos campeonatos dos clubes da elite, tendo produzido alianças importantes com dirigentes esportivos na mesma medida em que muitas delas se emanciparam ou se autonomizaram, mas de qualquer forma jogando dentro de um mesmo campo semântico de visibilidade e poder (Campos & Toledo 2013:133)¹¹.

Portanto, torcedores organizados dispõem muita energia e tempo dentro desses projetos coletivos de autonomização do *torcer*, que notadamente visam o jogo de poder dentro do arranjo do futebol profissional. Aí os processos de *conversão* e *reconversão* infletem a equação “torcedor comum–torcedor organizado” verificada na dinâmica de torcedores que se afastam de tais projetos por um tempo para voltarem em outra oportunidade, produzindo um *torcer* reversível entre ser um torcedor “comum” ou “organizado”, porém não parece entrar nesse cálculo ou colocar em dúvida as preferências pelo mesmo time de origem, tal como observamos para o caso singular aqui investigado.

Tal como coloquei em outra oportunidade, a hipótese de que quanto mais ricos os clubes de futebol, mais próximos a eles estão os coletivos torcedores que seguem o modelo das TO's, talvez confirme o fato de que a riqueza e a violência no futebol possam ser bons indicadores do “*movimento que fazem os clubes dentro da dinâmica política e meritocrática*”

11 Definições contíguas a esta são oferecidas por outros trabalhos que abordaram o tema (Toledo 1996; Pimenta 1997), mas destaco a de Buarque de Holanda: “Homóloga à lógica dos clubes-empresas, as agremiações de torcedores tornaram-se elas próprias torcidas-empresas. Orbitam em torno dos clubes – razão central de sua existência –, mas são também progressivamente autônomas, com sedes, símbolos, dísticos, legendas, cânticos e logotipos que traduzem uma identidade coletiva à parte” (Buarque de Holanda 2014:156).

dos acessos e descensos” (Campos & Toledo 2013:134), traduzindo aqui processos de *reconversão* que também infletem nas disposições do *torcer* como mecanismo sociológico e projeto de poder. Nesse caso a ideia de torcedores “profissionais” traria mais matizações às hipóteses ditas “psicologizadas” que tentam sozinhas dar conta desses processos de adesão clubística. Portanto, há ainda uma *reconversão* interna de torcedor comum, ou mesmo organizado, para “profissional”, que se dá quando o engajamento torcedor se torna mais “sério” e decisivo na formulação de um estilo de vida compromissado integralmente com esses coletivos. É o caso das elites dirigentes das Torcidas Organizadas e os desdobramentos delas em Escolas de Samba, outro fenômeno do entretenimento empresarial, verificado em lugares como o contexto da capital paulistana.

Outros processos de *reconversão* compulsória podem estar associados aos fenômenos mais abrangentes da qual participam ativamente as mídias eletrônicas. Sabe-se que do torcedor militante de estádio ao “torcedor de poltrona” montou-se todo um conjunto de dispositivos sociotécnicos que redefiniu a importância e o papel estratégico das mídias televisivas nos espetáculos esportivos ao menos desde os anos 90. O ingresso dos conglomerados midiáticos nacionais e estrangeiros comercializando os jogos por assinatura e em sistema *pay-per-view* estão relacionados a estereotipização dos torcedores organizados e à elitização dos estádios convertidos em arenas, que afastaram determinados extratos sociais menos endinheirados, mas não as TO’s, dos espetáculos esportivos.

Outros modelos coletivizados de *torcer* estão cada vez mais visibilizados nas arquibancadas e no tratamento midiático em geral, denunciando até mesmo um certo esgotamento ou desaceleração da expansão das TO’s como coletivismo hegemônico que se mantém desde os finais dos anos sessenta.

É o caso de coletivos torcedores generificados, mas cito especificamente outros de fatura mais ideológica como é o caso dos torcedores denominados de antifascistas, que mais recentemente surgiram no Brasil, sobretudo com alguma visibilidade nas redes sociais, após o contexto das jornadas de junho ocorridas em 2013. Torcedores já engajados na militância esportiva e tipificados por processos mencionados acima, inclusive abrigados ou tolerados no interior das Torcidas Organizadas (TO’s), têm produzido uma militância torcedora ideologicamente mais atuante, permitindo que se perceba novos espaços de pertença em que canalizam demandas específicas, expandindo o *torcer* tanto para além dos aspectos da experiência da adesão subjetiva quanto além dos projetos coletivos abrigados nas formas mais tradicionais de *torcer* como são as TO’s.

De X para Y

Vimos até agora que há a presunção de uma dicotomia que está amparada numa epistemologia que pensa o simbólico a partir de regimes tipológicos, ou seja, conter o *torcer* dentro de um *dial* que desloca as razões íntimas ou naturalizadas na escolha dos times entre dois pólos ou extremos possíveis: aquele que abrigaria razões subjetivas para explicar o *input* torcedor, da *vontade* à seriedade que investem os torcedores, e outro pólo que preconizaria as condições ou determinações históricas e sociológicas, formas de *pertencimento* motivados por um *output* que geraria no indivíduo as condições que o levariam ao *torcer*. Quebrar esse paradigma que afasta o domínio do individual do coletivo para se pensar a noção de *torcer* como motivação simbólica dialética parece necessário.

De posse desses casos típico-ideais elencados no tópico anterior em torno da noção de *reconversão*, retomemos outro fragmento etnográfico do caso singular em questão:

(...) O motivo do debate ligeiro e acalorado ocorrido às portas do estádio do Morumbi trazia a novidade de que o torcedor, objeto daquela controvérsia, havia abandonado o time X por um time Y¹². Mas não se tratava de qualquer Y, digamos um Y de menor expressão no cenário nacional ou algum time estrangeiro, quem sabe um Barcelona ou PSG, adesões transatlânticas muito popularizadas nos dias que correm. Nada disso, a troca havia sido feita por um super e maiúsculo Y, um histórico arquirival do time X, um lídimo inimigo das batalhas campais e torcedoras, para usar a linguagem metafórica militar e midiática esportiva, inclusive sendo ambos domiciliados na mesma cidade. Cobrado pelo torcedor que o interpelou em relação a ter feito a aparente troca insana, o narrador com um tom de máxima incredulidade ouviu de seu ex-companheiro de torcida que havia sido uma decisão que era mais forte do que ele e que preferia não falar mais no assunto, encerrando a polêmica que, ao contrário do que ele pensava, ao menos para mim apenas começara.

No entendimento ou na economia psíquica esportiva abrigada nas convenções simbólicas que ditam adesões clubísticas, não havia para o caso daquele singular torcedor espaço para dois times: ou se torcia para X, ou se torcia para Y. Além do mais, a história dos embates e confrontos entre os times afastara definitivamente a opção reconciliadora da bifiliação, pois não havia ali uma diferença de potencial entre time pequeno e time grande que pudesse ser racionalizada dentro de alguma economia política subjetiva das emoções. A troca sugeria, de fato, alguma solução de compromisso com uma nova e sincera paixão

12 Não nomeio os referidos times pelas letras X e Y para resguardar seus nomes, o faço apenas por uma convenção mais cômoda e generalização de inspiração numa nomenclatura matemática.

represada ou despertada, ainda que manifestada tardiamente e à revelia da história de rivalidades que alimentava a relação inamistosa entre os times e que interditava a qualquer ambiguidade ou experimentação racional.

Claro que, no limite, até se pode ouvir relatos de indivíduos que dizem *torcer* para o Flamengo e gostar um pouco do Vasco da Gama ou que se é palmeirense, mas não vê problemas em torcer ocasionalmente e sem interesses pelos bons resultados do Santos, ou que se é Vasco no Rio e Palmeiras em São Paulo. Geralmente esse tipo de relativização é considerada pouco “séria” dentro da moldura mais hegemônica do *torcer* e não raramente o torcedor acaba admoestado e desautorizado por outros sempre que expõem com seriedade e em contextos da socialidade esportiva essas preferências mais difusas.

O fato é que o *ex-X* não estava louco, tampouco poderia ser considerado um traidor ou mesmo um torcedor imaturo ou pouco sério. Parece que sua sinceridade diante do incrédulo amigo e *ex-parceiro* de time o levava à dura escolha, mudar de cores, de amigos torcedores, de estádio e de repertório discursivo que alimenta o linguajar cotidiano urbano entre aficionados por futebol profissional, produzindo um afastamento em relação aos antigos amigos torcedores. Parecia que a decisão implicara movimento ou processo doloroso, reflexão que chegara somente na fase adulta, afinal, ao sair do armário esportivo descobrira que era um Y habitando um corpo de X.

A relativização de sua condição de torcedor X o levava ou precipitava outro processo de objetivação em torno de Y e sobre esse processo subjetivo, infelizmente, nada podemos acessar, mas, de qualquer modo, claramente se distingue de outros processos de *reconversão* aqui aludidos. Torcer para Y passaria a ser considerado agora a opção “verdadeira”, o novo “time do coração”. Situação distinta, por exemplo, de muitos torcedores que por vários motivos se desencantam ou relativizam a importância que as emoções esportivas têm em suas vidas, abandonando ao menos a prática torcedora presencial, tal como já mencionados aqui para casos que se aproximam da *reconversão*.

A recepção que fizemos dessa narrativa, tanto da parte do amigo que escutava o relato quanto do antropólogo curioso, configurava uma espécie de “duplo vínculo”, cuja mensagem ambígua impôs de algum modo a relativização do contexto classificatório das preferências esportivas. Embora tenha se mantido na esfera do *torcer* ao trocar X por Y, relativizou toda a convenção que sustenta aquilo que é considerado o âmago da noção nativa mais hegemônica assentada na ilusão de que tal identificação deva ser concebida como inata (conversão vinda de uma realidade sociológica, subjetiva ou devocional) e não algo adquirido conscientemente, ainda mais na maturidade, momento em que certas adesões esportivas já deveriam estar cristalizadas.

Relativização que em outros contextos aparece amiúde, tal como já citado, por exemplo, no universo da política representativa, onde a troca de partidos políticos no Brasil é prática corrente, mas não raramente repreendida tanto por eleitores quanto por políticos que as qualificam de diversas maneiras: traição partidária, fraqueza nas convicções ideológicas, fisiologismo, contexto.

A diferença num caso e noutro pode estar no modo como o *torcer* se adere mais a noção de uma identidade essencializada, tomada na sua forma cultural psicologizada e sociologizada, se comparada às dinâmicas associativas criativas que presidem o jogo no interior de alguns sistemas políticos como no caso brasileiro. Portanto, *torcer* estaria menos sujeito às relativizações sob o perigo de conspurcar todo o arranjo do futebol de espetáculo ou dito profissional, que precisa de engajamentos mais contínuos e estáveis, hoje maximizado pelas extrações mercadológicas em torno da noção renovada de clubismo consumista¹³. Sigamos com o relato etnográfico:

A bem da verdade sabemos pouco, como se nota, sobre o processo ou as motivações que produziram a relativização clubística no caso do torcedor que trocara X por Y, mas o modo como a narrativa expunha a forma entusiasmada com que o ex X abraçou a novo clube Y, participando inclusive de uma de suas torcidas organizadas mais importantes, não deixava dúvidas de que se tratava de um processo completo, interessante do ponto de vista das motivações individuais e intrigante como testemunho de uma mudança que se tornava ainda mais publicizada com aquela conversa de porta de estádio. Ainda que estatisticamente este caso possa ser considerado de pouca relevância para a aferição das emoções esportivas carrega um forte conteúdo insurgente ou até mesmo uma motivação que para muitos estaria circunscrita ao âmbito de uma “violência” ou “corrupção” de valores, tal como pude experienciar ao tomar conhecimento do caso ali nas imediações do estádio vendo as ruas apinhadas de torcedores do time X. A minha indignação de torcedor não cessou, mas o que importava era o que faria com ela uma vez que teria que enfrentá-la novamente no plano da análise.

Retirando esse fiapo de descrição etnográfica do emaranhado narrativo que ampara toda uma mitologia futebolística em torno das grandes rivalidades clubísticas e a produção em massa da beligerância torcedora, fazendo mover as formas do *torcer*, o breve relato de campo espalhado nesse artigo deixa entrever a sensibilidade dos novos tempos, tempos menos de afirmação, sobretudo porque reposiciona uma dada experimentação diante daquilo que uma ampla literatura definiu como identidade esportiva ou clubística.

13 Para uma discussão em relação a categoria torcedor consumidor ver, por exemplo, Toledo (2014).

Tal relato problematiza tanto o estatuto etnográfico da noção de *torcer* quanto o modo de simbolização que o ampara de uma perspectiva específica, emprestando aqui as considerações de autores como Roy Wagner que define a esfera e as posses da ação de cada ator em relação ao mundo como “manifestação do comprometimento com uma convenção que identifica um modo de objetivação como pertinente a seu eu ‘inato’ e o outro com ações externas e impostas (Wagner 2010:132). Optar por essa via de análise é permanecer dentro da crítica ao pressuposto da identidade como instância última que nos levaria aos fenômenos ditos sociais.

Quer dizer, experimentações como as do torcedor que mudou de time e se engajou num outro projeto de torcida, rearticulando sua personalidade esportiva, digamos assim, deveriam ser observadas como mais cautela para além de sua aparente excentricidade ou naturalização (ficou louco ou desorientado) na medida em que revelam processos diferenciadores ou expressões de uma singularidade que tem menos a ver com modalidades subjetivas de adesão, embora também o sejam, e mais com uma tomada ou decisão metodológica de quem observa fenômenos como este, não raramente dando pouca atenção aos regimes de diferença que amparam formas menos canônicas de adesão clubística.

Sendo assim, “as táticas e estratégias da sociabilidade torcedora diante do consumismo conspícuo que tenta aprisionar e disciplinar a paixão pelo esporte” (Campos & Toledo 2013:127), não desestimulam ou deixam de apontar para novas estratégias e acercamentos da emoção torcedora presentes no futebol contemporâneo, que parecem mais separar e diferenciar, menos que mecanicamente unir, bem como descredenciar algumas das essencializações que historicamente ampararam as narrativas identitárias ao redor desse esporte.

A separação metodológica realizada há décadas entre torcedores comuns e torcedores organizados (Toledo 1996), se já era problemática à época de sua formulação, hoje parece que esgotou totalmente seu potencial heurístico. Demandas transversais por novos significados do *torcer* não somente aumentam a diversidade em termos quantitativos, mas têm trazido problemas razoáveis ao escopo conceitual que lida com certas premissas amparadas tanto nas noções de uma identidade convencionalizante fugidia quanto na noção de que as transformações são detidas numa lógica histórica, quer dizer, outorgando os processos mais moleculares e diferenciadores a uma noção domesticada de processo.

Considerações finais em torno de torcedores X e Y

Quem gosta de futebol não apenas aprecia sua prática ou fruição, senão que o faz a partir de um referencial: o clube de coração. Trata-se de uma “máscara” que resulta, como sugere o poeta Drummond, “da necessidade de optar”. E ainda que não esteja muito claro por que essa necessidade se impõe, sabe-se, contudo, tratar-se de uma profissão de fé (Damo 2002:12).

Retive essa história sobre o torcedor X transformado em Y em função da força de seu ineditismo e potencial conceitual insurgente, que inclusive rivalizou com a atenção que pouco dispensei àquela partida que pretendia etnografar de um outro ponto de vista. Este acaso ou encontro etnográfico me fez desviar dos reais motivos que justificavam a minha presença, condicionada que estava ao comportamento dos grupos ou coletivos organizados de torcedores que acompanho há décadas. Queria observar naquele jogo do campeonato brasileiro de 2017 a novidade local que foi a renegociação ou “acordo” entre poderes públicos e TO’s que fez retroagir em parte a proibição do uso de instrumentos musicais ostentados por aqueles coletivos nos estádios da capital paulista. Instrumentos musicais e bandeiras foram proibidas em decisões judiciais desde os enfrentamentos torcedores ocorridos em 1995¹⁴.

Ali mesmo, já acomodado dentro do estádio e reconsiderando os motivos que me levaram àquele jogo, tentei desdobrar o caso que havia escutado em possíveis interpretações, e por vício de análise procurei erroneamente afastar aquelas que tomariam os impulsos “psicológicos” como motivadores da suposta mudança, já que havia afastado também a hipótese menos plausível da mera jocosidade que parecia envolver o caso. O transcorrer da breve, porém densa narrativa entre os torcedores revelou alguns detalhes que tipificavam aquilo que passei a definir ao longo do artigo como sendo um processo incomum de *reconversão* torcedora. O caminho da objetivação sociológica fácil poderia também resvalar não somente num certo mecanicismo identitário, mas sobretudo numa decisão metodológica de pensar a esfera do *torcer* necessariamente relacionada à problemática das classificações e representações estáveis. O caso merecia alguma alternativa.

Se provavelmente não se tratava de uma brincadeira ou de algum autoengano de origem psíquica que acometia aquele torcedor “vira casacas”¹⁵, e mesmo que fosse já havia

14 Eventos nomeados pela mídia de “a guerra do Pacaembu”. Para mais informações a respeito, ver Toledo (1997).

15 “Vira casaca”, cujo significado seria pessoa que muda mais frequentemente de opinião, serve de categoria jocosa, de acusação ou provocativa estendida ao domíno da fala torcedora.

“contaminado” ou produzido “efeitos sobre” nossas consciências, chancelando portanto seu caráter relacional, tampouco valia alocá-lo numa espécie de fronteira da “normalidade” sociológica classificatória, encerrando-o apenas como um contraponto a toda a massa de evidências que estabelece o *torcer* como instância segura de manifestações identitárias vividas pela pessoa torcedora.

Foi como se esse caso específico imprimisse ainda mais velocidade ao dilema pendular que impõe explicações sempre insuficientes sobre se o *torcer* seria produto de forças individuais ou coletivas, se se trataria de uma decisão de foro íntimo, essência individual e “necessidade de optar” Damo (2002) ou se o indivíduo é mesmo levado por forças sociais incontrolláveis e quando menos se atenta já está agindo como torcedor de X, Y, Z, W...

Uma suposta “consciência” ou convicção de que “viramos” torcedor, ainda que isso varie em intensidade e comprometimento, só pode ser precipitada no mundo das relações ou da socialidade à medida que tal condição passa a fazer parte das fronteiras que definem a pessoa, isto é, quando reconhecemos e somos reconhecidos como tal, objetivando e contrastando opiniões, elencando assuntos metaforicamente a ela relacionados ou se comportando como torcedor, estilizando cada vez mais uma personalidade.

De qualquer modo, a chancela sempre se efetua por intermédio de relações, portanto, ocorre dentro de algum universo de interações que dispõem o “eu” e as ações no mundo sem que isso deva necessariamente ser tomado como “social” num sentido quase jurídico de que este seria a instância ou a convenção derradeira que autorizaria nosso ingresso no regime classificatório torcedor.

Portanto, parece razoável explicitar que esse processo de acercamento das emoções e enfeixamento de ações que servem de mapa da e para a pessoa torcedora convencionado como chave identitária irreversível e sem volta, um “social” plasmado numa espécie de totemismo esportivo rígido, que num sentido metonímico expõe a intimidade entre torcedores e seus times, trata-se em verdade de uma *ilusão* necessária no sentido wagneriano na medida em que é amparado pelo modo de simbolização que imprime à condição torcedora um controle compatível com a dialética entre a que se concebe por convenção e invenção na partilha simbólica daquilo que é assumido como inato e adquirido.

Processos de *reconversão* torcedora podem se dar dentro de um *dial* dinâmico em que simplesmente *ser* ou se comportar como torcedor e *não ser* ou ignorar qualquer situação dessas vai depender de cálculos experimentados nas modulações da pessoa e o lugar em que tais modulações possam oferecer como ponto de vista da sua negociação.

Tornar mais frouxa alguma noção de senso comum de “consciência coletiva torcedora” amparada em convenções sejam metafóricas ou metonímicas pode ser um caminho para repensar o modo como uma violência sem culpa¹⁶ experimentada por muitos torcedores consiste em estilizações do eu que relativizam os regimes morais da boa convivência esportiva estimulada por princípios classificatórios de controle coletivizante. A propensão às transgressões ou àquilo que é tipificado por crime torcedor fundamenta-se num processo de convenção simbólica que exclui muitos desses torcedores tomados por violentos por não aquiescerem aos regimes de controle como valor de experiências criativas de produção da pessoa, tomados aqui menos como “criminosos” e mais como obstáculos ao processo hegemônico e coletivizante de simbolização.

A troca de times não foi bem acolhida pelos ex-companheiros torcedores do time X como sendo o exercício de livre arbítrio ou escolha e cálculo racional. Vimos que o próprio antropólogo também hesitou diante daquele relato singular e perturbador. Não se muda de time de futebol como se recalcula o voto a cada eleição ou como muitos escolhem, convertem e reconvertem suas formas de adesão religiosa. Ainda que aquele torcedor tenha se mantido dentro dos mesmos signos coletivizantes de pertença clubística, apenas com sinais trocados (mudado de brasão, nome e cores, etc.), permanecendo dentro da convenção cultural esportiva hegemônica de *torcer* por um time, não deixou de produzir efeitos ambíguos sobre outros torcedores e sobre o próprio antropólogo.

Ao relativizar o modo como o regime da convenção esportiva processa a objetivação torcedora, tendo que explicar ou no caso a se recusar a explicar o contexto que o levou a mudar de time, o torcedor Y contrainventou a relação simbólica estabelecida entre torcedor e “time do coração”, levando-a para uma experiência mais próxima do *adquirido* do que propriamente do *inato esportivo*. O caso descortinou o caráter não específico ou a *ilusão* de que algumas das predisposições mais verdadeiras de produção da pessoa torcedora, marcadas pelo comprometimento, entrega, devoção, vontade, pertencimento, acúmulo da paixão, seriedade ou suas formas mais radicais e expressões que levariam àquilo definido por violência, estariam acentuadamente alocadas em concepções controladas pelo contexto coletivizante.

Portanto, o caso perspectiviza tanto uma concepção de pessoa torcedora ditada pela noção de que *torcer* é uma ação confinada à esfera de uma escolha unívoca por um “time do coração” quanto põem em perspectiviza o regime da convenção simbólica

16 Roy Wagner vai definir a noção de culpa como sendo a crítica da personalidade. E personalidade seria uma invenção consciente do eu que ao inventá-la contrainventaria seus regimes convencionais de controle: “enquanto um papel diferenciante, a personalidade precipita uma motivação coletivizante” (Wagner 2010:135).

esportiva como princípio classificatório totêmico.

O que tal mudança pode revelar ou apontar é como esse processo de diferenciação, despersonalização e repersonalização da pessoa torcedora em outra é em si mesmo diferenciante e já dotado de sentido próprio e não tão somente acomodado ou contrastado ao regime de classificações, ou seja, não amparado por representações seguras garantidas pelas regras de convivialidade esportiva, nem pela sociabilidade reinante, sequer pelos signos de pertença ou pela antropologia das práticas esportivas ou sociologia do esporte ou mais profundamente, nem pelos “*símbolos convencionais (referenciais), os quais não costumamos pensar como metáforas*”, para voltar a um excerto citado mais no início desse artigo.

A mudança de time pode ser interpretada não como uma troca meramente fisiológica (no sentido político do termo) ou motivada por interesses vários de *reconversão*, mas como posse criativa de outro método diferenciante de *torcer*, embora tenha sido percebida pelos outros como expressão de uma violência da parte daquele sujeito para com ele mesmo (dissociação psíquica) ou do sujeito para com a coletividade de torcedores X que abandonava. No que se refere à antropologia das práticas esportivas reconhecer processos diferenciantes como pressuposto metodológico pode abrir novos campos de possibilidade analítica em que a identidade clubística deixa de constituir-se como lugar seguro de expressão de um “eu torcedor” orientado pelas motivações da convenção simbólica esportiva hegemônica ou pelo misterioso impulso ou compulsão por times de futebol.

Perceber analiticamente as transgressões, ou ao menos boa parte delas, também como expressões criativas e inventivas, portanto como crítica cultural no interior da sociabilidade normativa promovida pelos comportamentos torcedores, em vez de tipificá-los como irracionais, imaturos, muitas vezes animais e criminosos é inquirir sobre o caráter ilusório, num sentido “motivado” tal como adverte Roy Wagner, das regras, convenções e procedimentos (estatais e científicos) que fracassam ao propagar e controlar valores universais de convivência em sociedades esportivas e, no geral, em sociedades de classe.

Fracasso entendido como expressão cultural que pode operar como mecanismo dialético que opta pelo modo de simbolização coletivizante, mas não de modo imperativo, pois sempre depende do contexto de onde se fala ou se impõe algum desequilíbrio entre convenção e invenção. Se na política ou mesmo na religião (como universos aproximativos) a conversão e a relativização são frequentes, ou como diria Mario Filho à sua época, alegorizando as relações afetivas, que haveria mais bígamos e polígamos que torcedores

com bi ou trifiliação (Toledo & Campos 2013), no engajamento torcedor tal criatividade ou performance solo (Holbraad & Petersen 2017) tenderia a ser menos extensiva em suas metaforizações, questão a se verificar em outra oportunidade¹⁷.

Para concluir, somente lembrar que tais extensões, para Wagner, parecem dizer respeito ao fulcro de sua teoria do simbólico, em que qualquer atribuição de significado guardaria consigo o gérmen da diferenciação metafórica, um princípio diferenciante que apanha mesmo aquelas metáforas mais convencionais que se dispersam na fala cotidiana. E como o futebol ou sua falação são domínios amplos verificados nesse cotidiano usado pela fala comum, não teria porquê desprezar as mobilidades das emoções torcedoras postas sob os perigos da precipitação diferenciante, mesmo entre os torcedores que se consideram mais convictos.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de & MONTERO, Paula. 2001. O trânsito religioso no Brasil. São Paulo e Perspectiva. *Revista da Fundação SEADE*, 15(3): 92-101.

BOURDIEU, Pierre. 2007. *A distinção. Crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, Porto Alegre: Zouk.

Buarque de Hollanda, Bernardo. 2014. "Torcidas, ultras e hooligans: paralelos da problemática torcedora no Brasil e na França". In: B. Buarque de Hollanda & H. H. Baldy dos Reis (orgs), *Hooliganismo e Copa de 2014*. Rio de Janeiro: 7 Letras, Capes. pp 145-158.

CAMPOS, Flavio de & TOLEDO, Luiz Henrique de. 2013. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. *Revista USP*, 99:123-133.

DAMO, Arlei. 2002. *Futebol e identidade social. Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

_____. 2007. "O clubismo brasileiro como trama social e simbólica". In: *Do dom à profissão. A formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Editora Hucitec/Fapesp. pp 56-67.

_____. 2014. "O espetáculo das identidades e alteridades – As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro". In: F. de Campos & D. Alfonsi (orgs.), *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Editora Leya. pp. 23-55.

_____. 2015. "Futebol, engajamento e emoção". In: R. Helal & F. Amaro (orgs), *Esporte e Mídia: novas perspectivas. A influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht*. Rio de Janeiro: Eduerj. pp. 1-28.

17 Minha tese de titularidade trata dessa questão matizando o torcedor como metáfora tardia de outra metáfora, o torcer (Toledo 2019, mimeo).

- DULLEY, Iracema. 2015. *Os nomes dos Outros. Etnografia e diferença em Roy Wagner*. São Paulo: Humanitas/Fapesp.
- FILHO, Mario. 1987. Do livro "Histórias do Flamengo". In: O. Maron Filho & R. Ferreira (orgs.), *Fla-Flu... e as multidões despertaram!*. Rio de Janeiro: Edição Europa.
- HOLBRAAD, Martin & PEDERSEN, Morten Axel. 2017. Analogic Anthropology: Wagner's Inventions and Obviations. In: *The ontological turn: An Anthropological exposition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1989. *O Pensamento Selvagem*, Campinas: Papirus.
- MACHADO, Igor. 2000. "Futebol, clãs e nação". *Dados*, 43(1): 183-197.
- MAUSS, Marcel. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. 1997. *Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e Autoafirmação: Aspectos da Construção das Novas Relações Sociais*. Taubaté: Vogal Editora.
- TOLEDO, Luiz Henrique. 1996. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS.
- _____. 1997. "Short cuts: histórias de jovens, futebol e condutas de risco". *Revista Brasileira de Educação* (Impresso), 6/7: 209-221.
- _____. 2002. "Futebol e teoria social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002)". *Revista Brasileira de Informações Bibliográficas em Ciências Sociais*, 52: 133-165.
- _____. 2014. "Torcedores e o mercado de bens futebolísticos". In: F. de Campos & D. Alfonsi (orgs.), *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Editora Leya.
- _____. 2019. *Torcer. Perspectivas analíticas em antropologia do esporte*. Tese de Titularidade. DCSO, Universidade Federal de São Carlos. mimeo.
- WAGNER, Roy. 2010. *A invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify.
- _____. 2017. *Símbolos que representam a si mesmos*. São Paulo: Editora Unesp.

Recebido em 22 de novembro de 2018.

Aceito em 16 de setembro de 2019.